

NOSSAS MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, ABALAM SUAS VELHAS TRINCHEIRAS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE MUSEOLOGIA LGBTQIA+ NO CAMPO MUSEOLÓGICO BRASILEIRO (2013-2024)

OUR MEMORIES, STORIES, SHAKE THEIR OLD TRENCHES: INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE ON LGBTQIA+ MUSEOLOGY IN THE BRAZILIAN MUSEOLOGICAL FIELD (2013-2024)

Gabriel Andrade de Freitas ^a

Clovis Carvalho Britto ^b

RESUMO

Objetivo: Realizar uma revisão integrativa da literatura sobre Museologia LGBTQIA+ no Brasil. **Metodologia:** Eleger como metodologia uma abordagem qualitativa por meio de revisão integrativa da literatura nas edições da Revista Memórias LGBTQIA+, nos Anais do Seminário Brasileiro de Museologia e nos trabalhos de conclusão de curso nos bacharelados em Museologia das universidades públicas brasileiras, no período compreendido entre 2013 e 2024. **Resultados:** A revisão integrativa demonstra que, de uma forma geral, há um aumento constante na produção de textos que discutem as identidades de gênero e orientações sexuais na Museologia. **Conclusões:** Os dados evidenciam a constituição de um domínio de conhecimento que se materializa na superação das fobias à diversidade sexual configurando uma Museologia LGBTQIA+ marcadamente interseccional.

Descritores: Campo científico. Representação do Conhecimento. Museologia LGBTQIA+. Revisão Integrativa.

1 INTRODUÇÃO

Borrando suas fronteiras/ Nossas memórias, histórias/ Abalam

^a Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil. Email: gabriel.dfaf@gmail.com.

^b Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona e Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil e do Departamento de Museologia no Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona, em Portugal. Email: clovisbritto@unb.br

suas velhas trincheiras. Edi Rock, Linn da Quebrada e Ney Matogrosso (2021).

O intuito deste artigo é entender como a temática LGBTQIA+ tem, nos últimos anos, “borrado as fronteiras” e “abalado as velhas trincheiras” do campo da Museologia no Brasil, para utilizarmos os versos de Edi Rock, Linn da Quebrada e Ney Matogrosso na versão da canção “Nada será como antes”, lançada em 2021. Isso é relevante quando observarmos que “[...] a comunidade museológica Queer interseccionada está a produzir conhecimento sem ser derrotada pelas tentativas de apagamento” (Boita *et al.*, 2022, p. 16).

O objetivo é compreender como o campo da Museologia tem refletido sobre orientações sexuais e identidades de gênero, apresentando a concepção de uma Museologia LGBTQIA+ como um domínio do conhecimento, aqui entendido como:

[...] uma escolha política, onde a sigla LGBT é potência de discussão em políticas públicas, e uma escolha teórica, no caso do uso crítico do conceito queer aplicado a partir de uma perspectiva interseccional, visando sobretudo a superação das desigualdades que pesam às comunidades dissidentes da matriz heterossexual hoje hegemônica (Baptista; Boita; Wichers, 2020, p. 7).

Isso é relevante visto que ainda existem diversas dificuldades impostas neste campo, como o caráter heterogêneo das narrativas LGBTQIA+, justificado pela abrangência de subjetividades que convergem em virtude da negação à heterocisnormatividade, em que é marginalizada a cultura produzida por seus integrantes na Academia e na sociedade em geral. Portanto, compreendemos a Museologia LGBTQIA+ como um campo segundo o entendimento de Pierre Bourdieu (1983, p. 89), ou seja, um espaço de produção simbólica e relações de poder:

“espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”.

A presença das discussões sobre orientações sexuais e identidades de gênero que divergem da matriz branca e cisheteronormativa no campo da Museologia tem promovido mudanças significativas:

Como se percebe, o desejo de estudar questões relacionadas às identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes da

matriz branca-cisheterossexual nos museus e na Museologia já não mais pode ser impedido mediante argumentos pautados na inexistência de bibliografias, pesquisas ou práticas em Museologia LGBTQIA+. Tais movimentações acadêmicas compõem uma novidade em um campo onde até bem pouco tempo pesava a ausência de propostas que discutiam de modo focal as estratégias e os desafios que se impõem à formação de profissionais da Museologia devidamente capacitados em relação às identidades de gênero e orientações sexuais (Baptista *et al.*, 2022, p. 31).

Este artigo analisará essas “movimentações acadêmicas” no âmbito da representação do conhecimento, definida por Barité *et al.* (2015, p. 136, tradução nossa) como “uma parte da organização do conhecimento que compreende o conjunto dos processos de simbolização notacionais e conceituais do saber humano no âmbito de uma disciplina”.

Nesse sentido o trabalho compreende a Museologia LGBTQIA+ como uma terminologia específica que configura um domínio do conhecimento, ou seja, “uma demarcação de determinado conhecimento, [...] um tipo de significado que organiza o conhecimento em relação a uma área específica sob uma determinada perspectiva” (Pinho, 2010, p. 50).

Os ideais e os valores de um determinado domínio do conhecimento é que auxiliaram na sua organização, possuindo uma terminologia identificável e que auxiliará na organização e manutenção de determinado domínio que, por sua vez, não se confundirá com outros. A organização oriunda da perspectiva de um domínio do conhecimento deverá refletir os valores por ela expressos, tornando-se eticamente aceitável (Pinho, 2010, p. 51).

Os ideais e os valores de um determinado domínio do conhecimento é que auxiliaram na sua organização, possuindo uma terminologia identificável e que auxiliará na organização e manutenção de determinado domínio que, por sua vez, não se confundirá com outros. A organização oriunda da perspectiva de um domínio do conhecimento deverá refletir os valores por ela expressos, tornando-se eticamente aceitável (Pinho, 2010, p. 51).

Para tanto, a análise do domínio de conhecimento teve como metodologia uma abordagem quali-quantitativa por meio de revisão integrativa da literatura (Quadro 1) nas edições da Revista Memórias LGBTQIA+ (antiga Revista Memória LGBT), nos anais do Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) e nos trabalhos de conclusão da graduação em Museologia nas universidades

públicas de ensino.

Quadro 1 – Etapas da revisão integrativa

Etapas	Ação
1	Elaboração da pergunta norteadora
2	Definição dos critérios de inclusão e exclusão das informações;
3	Coleta de dados;
4	Análise crítica dos estudos incluídos;
5	Interpretação e síntese dos resultados;
6	Apresentação da revisão integrativa.

Fonte: Adaptado de Botelho, Cunha e Macedo (2011).

O termo “integrativa” se origina “na integração de opiniões, conceitos ou ideias provenientes das pesquisas utilizadas no método” (Botelho; Cunha; Macedo, 2011, p. 127). Portanto, permite analisar o conhecimento construído em pesquisas anteriores sobre um tema específico: “uma revisão integrativa pode ser usada quando se quer realizar uma síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado” (Rocha; Pinto; David, 2020, p. 52). Além disso, é relevante o uso da revisão integrativa para investigar o estado da arte da Museologia LGBTQIA+ em virtude do impacto “não somente pelo desenvolvimento de políticas, protocolos e procedimentos, mas também no pensamento crítico que a prática diária necessita” (Carvalho; Silva; Souza, 2010, p. 104).

Para a elaboração da revisão integrativa foram utilizadas como fontes as dezoito edições da Revista Memórias LGBTQIA+, disponíveis em acesso aberto em seu site; os anais das cinco edições do Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), disponíveis para consulta no repositório do evento; e os trabalhos de conclusão de curso de graduação, disponíveis nos repositórios institucionais das universidades brasileiras que possuem o bacharelado em Museologia.

A escolha dessas fontes se justifica por permitir visualizar, na última década, as transformações no campo da Museologia no Brasil e pelas ressonâncias e aproximações com a Rede LGBT de Memória e Museologia Social. O recorte temporal da revisão compreende o intervalo de 2013, ano da primeira edição da Revista Memórias LGBTQIA+, até o ano de 2024, quando concluímos a pesquisa.

Na seleção dos trabalhos publicados nos anais do Sebramus

privilegiamos a pesquisa pelas palavras-chave sexualidade, LGBT/LGBTI/LGBTQI/LGBTQIA+ e gênero, porém tornou-se necessária a leitura individual de cada título e resumo, uma vez que a heterogeneidade temática da Museologia LGBTQIA+ nem sempre se resume ao uso destes termos de indexação.

Já para a identificação da presença da Museologia LGBTQIA+ nos trabalhos de conclusão de curso efetuamos a seleção nos repositórios institucionais das universidades públicas que possuem o bacharelado em Museologia, seguindo os critérios mencionados anteriormente. Além disso, também consultamos e atualizamos o mapeamento apresentado no artigo “Ensino, Pesquisa e Extensão em museus e Museologia LGBT+: recomendações queer à formação museológica” (Baptista *et al*, 2022).

2 GÊNERO E SEXUALIDADES EM PERSPECTIVA

As discussões sobre orientações sexuais e identidades de gênero possuem uma configuração interseccional e interdisciplinar. É esperado atualmente de profissionais dos campos da Ciência da Informação e da Museologia a “promoção da cultura, da leitura e de ações de competência em informação, bem como ligadas à operacionalização da valorização identitária da população LGBTQIA+ e à transformação dos espaços socioculturais” (Mata; Nascimento, 2021 p. 2).

O entendimento do conceito de sexualidade, baseado nas ideias de Foucault (1999), presente no primeiro volume de sua História da Sexualidade: a vontade de saber, como um sistema que pode ser historicizado a partir do discurso e do poder, é fundamental na desnaturalização de ideias referentes às reflexões sobre identidades de gênero e orientações sexuais. O autor defende a hipótese de que os discursos dirigidos ao controle sexual da população europeia não se simplificaram apenas na repressão, ocorrendo assim uma sofisticação de inúmeros instrumentos que possibilitaram a adequação sexual da sociedade em um modelo determinado. De acordo com seu trabalho, há dois pontos de virada sobre a temática no Ocidente a partir do século XVII:

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos

mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquiva obrigatória do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva; é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte [...] (Foucault, 1999, p. 109)

A partir do século XVII acontece, segundo Foucault (1999), a multiplicação dos discursos sobre a questão sexual, o que acarreta intensa produção de fontes de análise da mentalidade do período. Esse movimento coincide com o desenvolvimento do capitalismo e da ascensão da classe burguesa. As dinâmicas de abertura e encerramento do debate sobre o sexo ao longo da história europeia ocidental permite, conforme demonstrado pelo autor, o entendimento abrangente de diferentes configurações sociais que são geradas posteriormente. Além disso, a criação de vocabulários para opressão provoca respostas das subjetividades atacadas:

[...] mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou a sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (Foucault, 1999, p. 96).

A concepção de Foucault (1999) inaugura um pensamento sobre a sexualidade como categoria de análise, possibilitando discursos que complementam e expandem suas teorias. Teresa de Lauretis (1994) propõe o entendimento de uma “tecnologia do gênero”, em oposição a “tecnologia sexual” de Foucault, na qual atua na formação de identidades a partir do reforço através do discurso e de práticas para moldar sujeitos nas categorias binárias de feminino e masculino. Suas ideias se diferenciam por considerar gênero como categoria de análise, não somente a sexualidade conforme era defendido por Foucault. A autora pensa gênero “tanto o produto como o processo de sua representação” (Lauretis, 1994, p. 212).

Butler (2003, p. 208) em Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade defende a desconstrução total da identidade: “Compreender a

identidade como uma prática, e uma prática significativa, é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística”. Além do papel da linguagem como mantenedora de símbolos e sinais que proporcionam a naturalização de um sistema opressivo, a identidade também, segundo a autora, não deve ser entendida como peça inerte e estável no tempo em que está inserida.

Ao comentar o trabalho de Foucault (1999) Butler (2003) afirma que ele “[...] parece situar a busca da identidade no contexto das formas jurídicas de poder que se tornam plenamente articuladas com o advento das ciências sexuais, inclusive a psicanálise, no final do século XIX” (Butler, 2003, p. 156). Enfatiza, assim, o papel do conhecimento e da ciência na construção de um discurso de instrumentalização da opressão de subjetividades que fugiam das condutas sexuais e de gênero estabelecidas.

A proposição de Butler (2003) de uma subversão de conceitos naturalizados como sexo e gênero, a partir de uma visão performática, serve de guia para diversos trabalhos construídos nas mais diferentes áreas. Ao criticar a universalização com que a discussão é tomada, defende que “o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos”, concluindo que ele “estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (Butler, 2003, p. 20). Sua contribuição na desnaturalização desses conceitos é fundamental para a visão de gênero como performance:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (Butler, 2003, p. 201).

Essa visão sobre gênero reflete diretamente nas contribuições de Preciado (2017) e na formulação do seu conceito de contrassexualidade como forma ideal de tecnologias de resistência, nas relações sexuais e de identidade

de gênero, onde a “[...] heterossexualidade [...] deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais” (Preciado, 2017, p. 26). Essas reconfigurações contribuem para a construção e fortalecimento da chamada teoria queer, nos quais os trabalhos sobre as temáticas relativas às identidades de gênero e orientações sexuais que divergem da heterocisnormatividade se desenvolvem tendo como base a desnaturalização desses conceitos.

Campuzano (2008), ao remontar a cultura pré-colombiana, demonstra como as performances de gêneros que fogem da norma eram praticadas no cotidiano de diferentes sociedades da atual América Latina. O pensamento binário sobre sexo/gênero no Ocidente está tão enraizado que, conforme demonstrado por Campuzano (2008, p. 82), a violência desembarcada junto à conquista espanhola das Américas desconsiderou completamente identidades culturais que fugiam desse sistema. Informa, por exemplo, que o termo travesti foi cunhado nesse período como forma pejorativa: “O gênero pré-hispânico foi lido através dessa lente e o travestismo tornou-se, nesse esquema, vestir-se como o polo oposto do binário”. Ativistas contemporâneos retomaram a expressão para utilizar sua dualidade como potencial de poder. Seu Museo Travesti transita entre os limites da instituição museal e a performance artística, uma vez que Campuzano incorpora seu material de pesquisa:

[...] exploração da própria experiência do autor. Ser travesti peruana é uma eterna transfiguração em um Peru que, em seu processo de busca de identidade, construção e contra conquista, também travesti – uma constante que já é sua essência. É o retorno do Inkari que não parou de viajar no subsolo, e chega para conciliar as encostas que correm paralelas dentro de nós (Campuzano, 2007, p. 9).

Portanto, a proposição de uma Museologia LGBT para ser aplicada à realidade social da América Latina baseia-se no “[...] conjunto de concepções e práticas conduzidas por pessoas que pertencem às camadas da classe trabalhadora que divergem da matriz heterossexual” (Baptista; Boita; Wichers, 2021, p. 191, tradução nossa). O emprego dessa sigla em detrimento de outras não deslegitimaria, segundo apontado por Baptista, Boita e Wichers (2021), a mutabilidade e capacidade de reorientação conceitual da comunidade. Sua

funcionalidade persiste na agregação pelas políticas públicas nacionais relacionadas à memória coletiva e individual da comunidade.

3 RESSONÂNCIAS DA MUSEOLOGIA LGBTQIA+

As ressonâncias dos conceitos aqui discutidos possibilitam para a Museologia LGBTQIA+ uma expansão de seu campo de atuação e uma ampliação de suas epistemologias na conformação de um domínio de conhecimento. A inclusão de pautas sociais, como a luta por igualdade de tratamento e oportunidades da comunidade LGBTQIA+, permite diminuir silenciamentos e agregar discursos.

Segundo Baptista, Boita e Wichers (2020) é possível enumerar sete características básicas da Museologia LGBTQIA+:

- a) A produção partir do interior de comunidades que estão inseridas nesse escopo maior por possuírem identidades de gênero e orientações sexuais divergentes da matriz heterocisnormativa;
- b) O pertencimento direto da produção em oposição a de personagens externos e alheios a subjetividade dessa comunidade;
- c) A vinculação com as políticas públicas;
- d) O protagonismo corpos não-brancos;
- e) A congregação de fazeres e conhecimentos aliados na luta pela emancipação de direitos, como as militâncias feministas, de classe e o movimento negro/indígena;
- f) O diálogo com a Sociomuseologia e Museologia Social engajada por um pensamento desconstruído e multicultural;
- g) A superação da desigualdade de oportunidades e tratamento a partir de uma multiplicidade de realidades (Boita; Baptista; Wichers, 2020).

Reimaginar a Museologia com o protagonismo dos corpos LGBTQIA+ é um exercício proposto para superação das fobias no ambiente museal e museológico (Boita; Baptista; Wichers, 2020). No caso da Museologia brasileira esse exercício contempla algumas heranças, conforme destacado por Baptista (2021):

[...] a Museologia LGBT feita no Brasil possui o vivo interesse em

formar museólogas e museólogos capacitados para pensar e agir em relação à diversidade de modo pleno. A Museologia LGBT é herdeira dos caminhos abertos pelos principais documentos da Sociomuseologia (Primo, 1999), dos Fóruns Nordestinos de Museus (Rocha, 2019), da política criada para promover os Pontos de Memória e, de modo muito particular, dos estudos sobre a relação entre negritude e Museologia. Como tem apontado Cunha (2017, p. 78), há diversos questionamentos sobre memórias “manipuladas, deturpadas e minimamente preservadas em museus” em virtude de “um ideal de branqueamento nacional”, conforme se observa em diversos resultados práticos (ver Escobar, Veronimo, & Limberger, 2006; Freitas & Mota, 2019). É por essas heranças que a Museologia LGBT insiste que a memória e musealização de questões nossas não podem ser dedicadas exclusivamente a homens gays brancos provindos das elites dos grandes centros urbanos. A potência da Museologia LGBT reside em sua capacidade de se conectar com as dimensões de raça/cor, classe e geografia/origem própria das realidades populares (Baptista, 2021, p. 53).

Algumas dessas ressonâncias podem ser visualizadas na publicação de três dossiês sobre Museologia LGBTQIA+ em periódicos de Museologia brasileiros e luso-brasileiro. O dossiê ‘Corpos e Dissidências nos Museus e na Museologia’ publicado nos Cadernos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias organizado por Primo, Baptista e Boita (2021), apresenta oito diferentes textos que trabalham a temática LGBTQIA+ de forma interseccional. No texto de apresentação, os organizadores convidam o campo da Museologia a reinventar o conceito de Museologia, “[...] redesenhando-o coletivamente, assumindo posturas políticas e teóricas comprometidas com a vida, com a sexualidade, com o gênero, com a raça, com a classe, com a decolonialidade e contra o Epistemicídio” (Primo; Baptista; Boita, 2021, p. 2).

O dossiê ‘Museus e Museologia LGBT+’, organizado por Boita *et al.* (2022) e publicado na Revista Museologia & Interdisciplinaridade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, evidenciou de forma pioneira no país a relação entre “Museologia, Memória, Patrimônio, História e cultura relacionada à população dissidente da matriz branca, cis e heterossexual vigente em boa parte dos museus brasileiros” (Boita *et al.*, 2022, p. 16) e reuniu quinze artigos de trinta autorias distintas.

Por fim, mencionamos o dossiê ‘Memória, Museologia LGBT+ e Museus

Nacionais', organizado por Boita e Baptista (2023), nos Anais do Museu Histórico Nacional. De acordo com os organizadores, o dossiê pretendeu ser um:

[...] convite para se expor o que tem sido feito de excludente nos museus e na Museologia brasileira, mas, antes disso, propõe-se a demonstrar que se foi o tempo em que não havia pensamento LGBTQIA+ no campo. Dito de outro modo, pretende demonstrar que é possível decolonizar os museus e a Museologia a partir de uma perspectiva queer interseccional (Boita; Baptista, 2023, p. 3).

Um fato que merece destaque é a fundamental atuação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social para a possibilitar a organização desses três dossiês, consistindo, ela própria, uma repercussão e uma promotora de repercussões da Museologia LGBTQIA+. A Rede, criada no "5º Fórum Nacional de Museus em Petrópolis - Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2012, em busca de reconhecimento e da salvaguarda da memória e luta da comunidade LGBT" (Carta..., 2014, p. 38) intenciona, dentre outros objetivos, a geração de espaços de debate cuja temática LGBTQIA+ possa ser livremente trabalhada. Essa relação simbiótica é indicada no texto da apresentação do dossiê dos Anais do Museu Histórico Nacional:

Vale apontar que a proposta deste dossiê nasceu da combinação de dois desejos: um primeiro manifestado em encontro promovido pelo Museu Histórico Nacional com profissionais de museus reunidos em uma escuta no ano de 2022; o segundo, a estratégia de integrantes de Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social em propor dossiês temáticos às principais revistas de Museologia do universo lusófono, como ocorrido já com os dossiês *Corpos e Dissidências*, nos *Cadernos de Sociomuseologia*, e *Museologia LGBT+*, publicado pela revista *Museologia & Interdisciplinaridade* (Boita; Baptista, 2023, p. 3).

Além disso, como forma de estruturar uma plataforma comum de troca de informações, as/os integrantes da Rede e da *Revista Memórias LGBTQIA+*, periódico que será apresentado no próximo item, organizam o Seminário Memória, Museus e Museologia LGBTQIA+. Sua primeira edição, pioneira da temática no país, ocorreu entre os dias 23 e 24 de maio de 2015, no Rio de Janeiro, sob o patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, em uma iniciativa do Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF), e com apoio do Grupo de Pesquisa Comunidades e Museologia Social (Comusas/UFG/Ibram/CNPq):

O objetivo do evento foi o de promover, estimular e fomentar a

memória LGBT com os princípios estabelecidos pelos Direitos Humanos. Procuramos, portanto, demonstrar que na contemporaneidade os museus e iniciativas comunitárias em memória e museologia social devem estimular o diálogo entre a memória, saúde, cultura, educação e cidadania, instigando nas instituições museológicas abordagens não fóbicas aos LGBT (Boita, 2015, p. 21).

A segunda edição do Seminário ocorreu em 2020, em Belo Horizonte, entre os dias 17 e 19 de maio. Por consequência da pandemia de Covid-19, aconteceu remotamente em sala virtual na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesta edição houve a intersecção da Museologia LGBTQIA+ com a Feminista, onde a temática central do evento se pautou na relação entre essas duas vertentes com a produção acadêmica nacional sobre memória, museus e Museologia. O evento foi organizado pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social, pela Revista Memórias LGBTQIA+, pelo bacharelado em Museologia da UFMG, pelo GT Gênero e Sexualidade do Sebramus e pelo Programa de Pós-Graduação de Ciência da Informação da UFMG.

O terceiro Seminário Brasileiro de Museus, Memória e Museologia LGBTQIA+ foi promovido por integrantes da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e pela equipe da Revista Memórias LGBTQIA+. A edição foi realizada em conjunto com o IV Museus e Resistências, promovido pelo bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC (MARquE) e pelo Museu Victor Meirelles. Os eventos ocorreram de forma remota entre os dias 19 e 22 de outubro de 2021, com apoio do Museu da Inclusão e do Museu da Diversidade, além do Grupo de Pesquisa Museologia, Arqueologia, História e Sexualidade (MusAH+Sex).

A quarta edição do Seminário ocorreu em 26, 27 e 28 de abril de 2023, em formato híbrido, promovido pela Revista Memórias LGBTQIA+, pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social e pelo Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, Portugal. O evento contou com o apoio do Grupo de Pesquisa Museologia, Arqueologia, História e Sexualidade, do Instituto Memórias e do Museu da Diversidade Sexual e celebrou os dez anos da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e da

Revista Memórias LGBTQIA+.

A quinta edição do Seminário ocorreu remotamente nos dias 12, 13 e 14 de dezembro de 2024, realizado pela Revista Memórias LGBTQIA+, Instituto Memórias e Museu da Diversidade Sexual, além da Rede LGBT de Memória e Museologia Social em parceria com o Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP) no Programa Conexões Museus SP.

4 MUSEOLOGIA LGBTQIA+: REVISÃO INTEGRATIVA

As ressonâncias apresentadas anteriormente permitem perceber, na última década, um notável crescimento do interesse em articular as questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+ ao campo da Museologia, contribuindo para a configuração da Museologia LGBTQIA+ (Baptista; Boita; Wichers, 2020), como um domínio de conhecimento, conforme detalharemos na revisão integrativa da literatura.

4.1 REVISTA MEMÓRIAS LGBTQIA+

A Revista Memórias LGBTQIA+ é um periódico digital de metodologia compartilhada, participativa e colaborativa, idealizado pelo museólogo Tony Boita e apoiada pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social, a partir de uma primeira tentativa de organização de boletins sobre acontecimentos da Rede (Boita, 2022).

A primeira edição da revista foi disponibilizada em 2013 e seu lema, presente no site institucional, resume com poucas palavras o principal objetivo do periódico: ‘Preservando, difundindo e musealizando as Memórias de Lésbicas, Travestis, Transexuais, Bissexuais e Gays’. Possui até o momento dezoito edições, todas disponibilizadas em acesso aberto, e está vinculada “[...] ao projeto Patrimônio Cultural LGBT e museus: mapeamento e potencialidades de memórias negligenciadas” (Boita, 2014, p. 27).

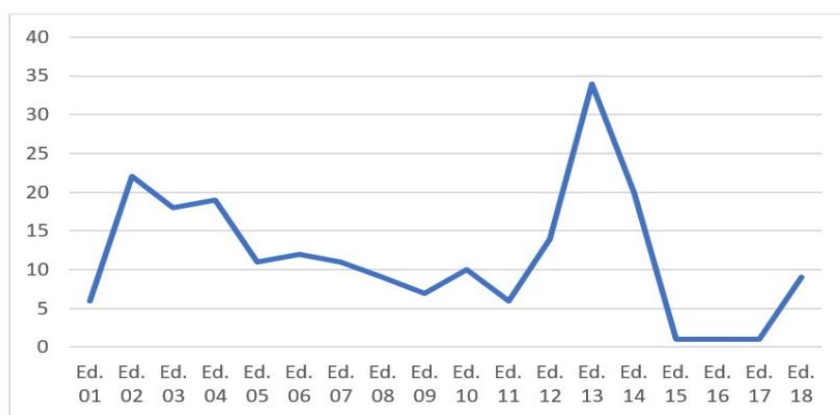
A periodicidade bimestral da publicação foi mantida até a nona edição (de 2013 a 2015), retornando apenas em 2016, parando novamente e reaparecendo em 2020, na 11ª edição com uma nova proposta de título Revista Memórias

LGBTQIA+, em decorrência da mutabilidade que a sigla possui na tentativa de incluir os mais diferentes espectros das identidades de gênero e orientações sexuais. Além disso, conforme apontado por Boita (2022), “[...] a partir da edição XI, seu nome foi alterado, conforme a pauta principal, ou seja, a cada edição seu nome alteraria em uma tentativa de demonstrar uma fluidez e um respeito as múltiplas sexualidades e identidades de gênero” (Boita, 2022, p. 98).

O envio de material ocorre por meio do e-mail: <revista@memorialgbt.org>. É de livre utilização por qualquer pessoa interessada na temática. O corpo editorial é composto por Tony Boita como editor-chefe, Jean Baptista como redator e Aline Inforsato como diretora de arte. A revisão gramatical e ortográfica dos textos fica a cargo individual das autorias.

A questão norteadora da revisão integrativa evidenciada consistiu em compreender as diferentes ressonâncias da Museologia LGBTQIA+ nos textos de todas as edições da Revista Memórias LGBTQIA+.

Gráfico 1 - Número total de textos em cada edição da Revista Memórias LGBTQIA+



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

O gráfico 1 demonstra o quantitativo dos textos presentes em cada edição da Revista, desde a sua primeira edição publicada em 2013. A queda acentuada nas edições 15, 16 e 17 é justificada por uma excepcionalidade, uma vez que são produtos do projeto Memórias LGBT + Goiás, contemplado pelo Edital de Demandas Culturais do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017.

No gráfico é possível visualizar a aparente constância, apesar de eventuais picos, do número total de textos de cada publicação. A edição com

Boita (2022) a partir dos temas 'Revista Memórias LGBTQIA+ no Museu de Favela, Editoriais, Edições Lésbicas e Bissexuais, Edições Gays e Edições Trans e Travesti'. O pesquisador concluiu que "[...] majoritariamente os temas pautados nas edições analisadas envolveram indivíduos moradores de territórios historicamente excluídos e/ou considerados violentos, lésbicas, mulheres trans e pessoas negras" (Boita, 2022, p. 139-140).

4.2 ANAIS DO SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA (SEBRAMUS)

O Seminário Brasileiro de Museologia foi idealizado pela Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia em seus V e VI Encontros anuais, ocorridos em 2012 em Petrópolis e 2013 no Rio de Janeiro, respectivamente. É concebido como um espaço de:

"[...] construção solidária e dialógica da Museologia no cenário nacional" que tem como, "como objetivo se afirmar como locus privilegiado de discussões acadêmicas, contribuindo para a divulgação qualificada da produção científica dos professores e pesquisadores da área" (Seminário..., 2014, p. 4).

A Rede surgiu em 2008, tendo em vista a necessidade de articulação de docentes e cientistas do campo museológico no país. Inicialmente congregava apenas docentes de cursos da graduação, pós-graduação e especialização, abarcando posteriormente cientistas e profissionais que não atuam em instituições de ensino. No Sebramus de 2015, a assembleia da Rede votou pela manutenção do evento na temporalidade bianual:

Ainda que tenham particularidades, geralmente as edições são compostas de conferências, mesas-redondas, sessões de apresentação de trabalhos acadêmicos, lançamento de livros, visitas técnicas, reuniões simultâneas e assembleia anual da Rede (Faria; Agnes, 2022, p. 222).

Aconteceram até o momento cinco seminários. O inaugural ocorreu entre 12 e 14 de novembro de 2014, sediado pelo curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG), sem uma temática definida. O segundo seminário foi sediado no Museu do Homem do Nordeste, em Recife (PE), entre 16 e 20 de novembro de 2015 e teve como tema central 'Pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares'. O terceiro teve como sede a Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, em

Belém (PA), entre os dias 20 e 24 de novembro de 2017, tendo como fio condutor o tema 'Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios'. O quarto seminário foi realizado pelo curso de Museologia da Universidade de Brasília, em Brasília (DF), entre 29 de julho a 1º de agosto de 2019, com o tema 'Democracia: Desafios para a Universidade e para a Museologia'. O quinto ocorreu nos dias 7, 8 e 9 de dezembro de 2022 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (RS). Após uma pausa por conta da pandemia de COVID-19, o Seminário retornou com o tema 'Museologia em movimento: lutas e resistências'. Segundo a organização, o evento "[...] abrange diversas áreas do campo da Museologia: perspectivas acadêmicas, patrimônio e memória, história dos museus e coleções, museus e políticas públicas; processos de salvaguarda e comunicação" (Seminário..., 2014, p. 4).

As apresentações são divididas em Grupos de Trabalho (GT), com a coordenação de docentes de instituições diferentes. Os grupos são resultado das demandas criadas pela própria comunidade acadêmica e são avaliados pela comissão científica do evento. Segundo consta no repositório virtual do Sebramus^c, a primeira edição contou com cinco grupos de trabalho; a segunda teve 22 aprovados; a terceira e a quarta edições 15 grupos; e o quinta edição do seminário contou com 17 grupos de trabalho.

Com exceção do primeiro Sebramus, houve a inserção de grupos de trabalho nas outras quatro edições com temáticas que dialogaram diretamente com a Museologia LGBTQIA+.

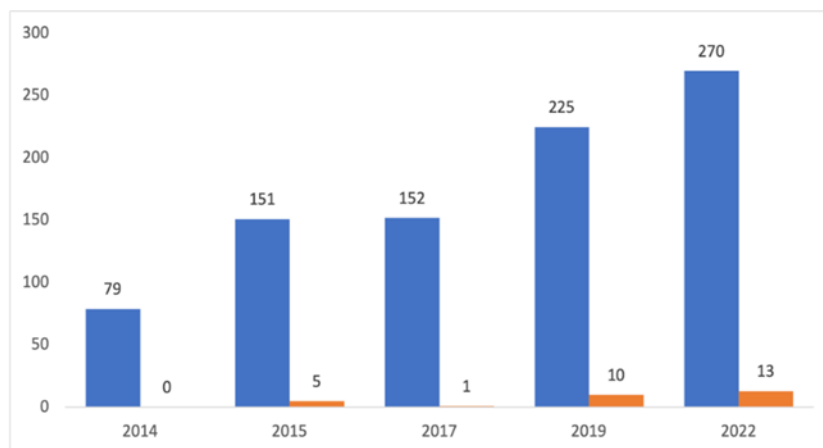
Conforme mapeamento realizado por Freitas (2021), aqui atualizado com a listagem de trabalhos aprovados na edição de 2022, em números absolutos foram apresentados nos cinco encontros 877 trabalhos. O primeiro seminário é notadamente o mais tímido, com apenas 79 trabalhos apresentados. O segundo seminário contou com quase o dobro de apresentações, 151 trabalhos. Na terceira edição foram apresentados 152 trabalhos. No quarto encontro foram apresentados 225 trabalhos; e, no quinto, 270 trabalhos.

O gráfico 2 apresenta a comparação entre quantidade de trabalhos

^c Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br>

apresentados em cada edição do Sebramus e a quantidade de trabalhos relacionados à Museologia LGBTQIA+.

Gráfico 2 - Presença LGBTQIA+ no Seminário Brasileiro de Museologia



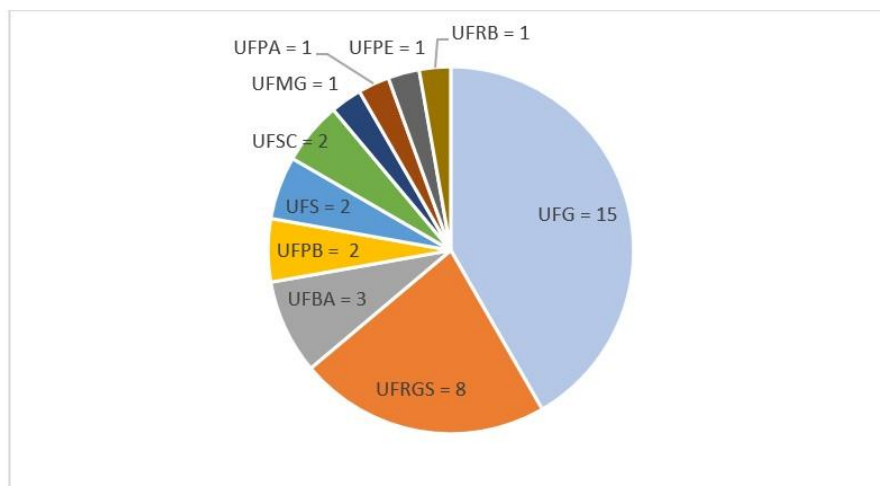
Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Constatamos que no primeiro Sebramus, em 2014, não existiram trabalhos que discutissem a Museologia LGBTQIA+. Na segunda edição, em 2015, foram apresentados cinco trabalhos sobre o tema, todos inseridos no Grupo de Trabalho 16 - Museologia, identidade de gênero e orientação sexual. Em 2017, no terceiro Sebramus, apenas um trabalho apresentado contemplava a temática LGBTQIA+, inserido no Grupo de Trabalho 7 - Museologia, museus e gênero. O quarto seminário, ocorrido em 2019, demonstra um expressivo aumento: dez trabalhos presentes nos Grupo de Trabalho 4 – Museus, gênero e sexualidade; 12 – Perspectivas contemporâneas em teoria museológica; e 14 – Corpos femininos negros: representação nos espaços de memória. O quinto Sebramus, realizado em 2022, manteve o aumento da incidência, totalizando treze trabalhos apresentados por catorze pesquisadoras e pesquisadores, todos no Grupo de Trabalho 5 - Museus, Memória e Museologia LGBT+.

Além do crescimento numérico, é perceptível a constância de autorias responsáveis por pautar a Museologia LGBTQIA+ no Sebramus, com destaque para os pesquisadores Jean Baptista e Tony Boita. Também observamos uma maior visibilidade da temática no Sebramus, nas palestras e nos trabalhos apresentados, resultando na criação de um grupo específico sobre a temática LGBTQIA+ e em uma maior capilaridade, uma vez que também compareceram

em diferentes grupos de trabalho.

Gráfico 3 – Vinculações institucionais das autorias dos trabalhos em Museologia LGBTQIA+ apresentados no Sebramus



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

As informações referentes às vinculações institucionais das autorias (Gráfico 3) indicam as universidades que abrigaram pesquisas em Museologia LGBTQIA+ no contexto da submissão dos trabalhos. Os dados demonstram que docentes da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul são responsáveis pela maioria das pesquisas sobre a Museologia LGBTQIA+ no Sebramus. Esse fato se justifica pela presença de autorias atuantes na Rede LGBT de Memória e Museologia Social. Além disso, apesar de um desnível nas incidências, constatamos a difusão das pesquisas em universidades nas cinco regiões do país.

Figura 2 - Nuvem de palavras de títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos sobre Museologia LGBTQIA+ no Sebramus

Quadro 2 - Trabalhos de Conclusão de Curso em Museologia sobre Museologia LGBTQIA+

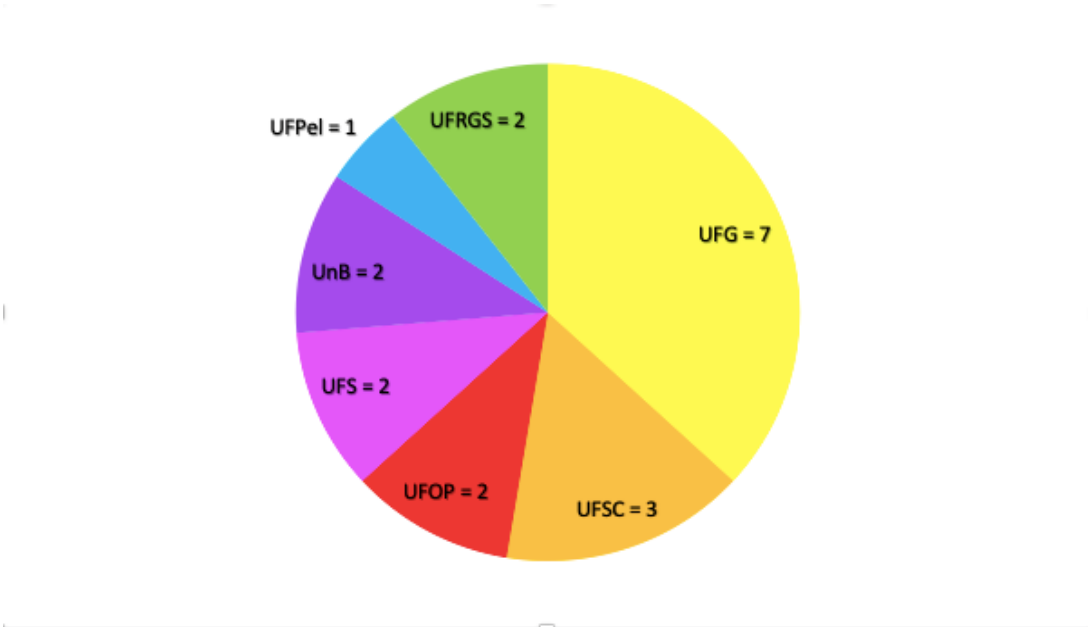
Título	Autoria/Ano	Orientação/ Coorientação	Instituição
Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em Revista	Tony Willian Boita/2014	Manuelina Maria Duarte Cândido; Camilo Braz	UFG
Todo dia é uma resistência: Uma proposta de Museologia Comunitária LGBT em Goiânia	Alex de Oliveira Fernandes/2015	Jean Tiago Baptista; Camila Azevedo de Moraes Wichers	UFG
Corpos que [Re]Existem: Lesbianidade, Museologia e Performatividade de Gênero	Mayra Silveira Pietrantonio/2018	Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira	UFOP
Museologia e sexualidade: Imaginação Museal e coletivismo LGBT da CasAmor de Aracaju/Se	Rafael dos Santos Machado/2019	Neila Dourado Gonçalves Maciel; Clovis Carvalho Britto	UFS
A construção da memória da epidemia de AIDS e seus desdobramentos. Qual o lugar dos Museus nessa história?	Alex Godoy Padilha de Souza/2020	Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes	UFSC
Memória para existir, poder para eternizar: A Parada Preta de São Paulo-SP como performance museal afetada e bruta	Gabriel Luis dos Santos Macedo de Oliveira/2020	Clovis Carvalho Britto	UnB
Nuances do arco-íris: práticas de Museologia LGBT na UFRGS	Elisângela Silveira de Assumpção/2021	Zita Rosane Possamai	UFRGS
A masculinidade hegemônica e a colonialidade no fazer museal	Leonardo Tavares Alencar/2021	Camila Azevedo de Moraes Wichers	UFG
Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & Também	Maria Waleska Siga Peil Martins/2021	Roberto Heiden	UFPEl
Museologia Sapatão: uma proposta expositiva	Victória Lôbo/2021	Jean Tiago Baptista	UFG
O protagonismo das pessoas com deficiência e minorias: diagnóstico dos museus públicos de Florianópolis	Ana Paula Soares Roman/2022	Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes	UFSC
Pelo direito à lembrança: identidades LGBT's negras nas performances da memória	Jorge Luis Lopes Junior/2022	Marcia M. Arcuri Suñer	UFOP
Do movimento à teoria: investigando a construção e a aplicabilidade da Museologia LGBT em espaços de memórias dissidentes	Mayara Lacal Cunha Ladeia/2022	Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes	UFSC
Rede LGBT de Memória e Museologia Social: análise	Gabriel Andrade de Freitas/2023	Clovis Carvalho Britto	UnB

das repercussões no campo da Museologia no Brasil (2012-2022)			
Nascemos nu o resto é drag?: o blog-museudrag como musealização de resistência	Joglesson Rodrigo dos Santos Costa/2023	Camila Azevedo de Moraes Wichers	UFG
Mapeando Corpos Trans na Memória Oficial de Sergipe	Luan Apollo Ribeiro Santos Messias/2023	Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha	UFS
O “T” da questão: ausência de pessoas trans no campo museal	Maria Helena Gomes Barros/2024	Camila Azevedo de Moraes Wichers	UFG
(Cis)tema: a costura da vida de pessoas trans no campo museal	Yan Megarom Naves de Queiroz/2024	Camila Azevedo de Moraes Wichers	UFG
Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira: discurso lgbtfóbico e usos políticos de uma exposição museológica	Nina Mazim Dias/2024	Marlise Giovanaz	UFRGS

Fonte: Dados da pesquisa (2024) em atualização aos dados de Baptista et al. (2022).

O gráfico 4 indica as vinculações institucionais das autorias dos trabalhos de conclusão dos bacharelados em Museologia no Brasil comprometidas com os princípios da Museologia LGBTQIA+:

Gráfico 4 – Vinculações institucionais das autorias dos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre Museologia LGBTQIA+



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A revisão integrativa dos trabalhos de conclusão de curso também evidenciou questões similares às discutidas no âmbito da Revista Memórias

LGBTQIA+ e dos trabalhos em Museologia LGBTQIA+ submetidos ao Sebramus. Afirmação que pode ser visualizada na nuvem de palavras (Figura 3), construída a partir dos títulos, dos resumos e das palavras-chave das dezenove monografias identificadas na revisão de literatura.

Figura 3 - Nuvem de palavras dos títulos, resumos e palavras-chave dos Trabalhos de Conclusão de Curso em Museologia LGBTQIA+



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Os trabalhos de conclusão de curso analisados expressam diretamente as características definidas por Baptista, Boita e Wichers (2020) que identificam os compromissos teóricos e políticos da Museologia LGBTQIA+, denotando especialmente uma vinculação estreita de seus pressupostos com os princípios da Museologia Social e com a interseccionalidade.

Não por acaso, a nuvem de palavras explicita vários marcadores sociais da diferença, a exemplo de questões relativas à raça, classe e gênero articuladas às orientações sexuais, como uma ressonância da Museologia LGBTQIA+. Esse domínio do conhecimento privilegia, desse modo, uma perspectiva “popular e, conforme realidade latino-americana, é localizada em periferias urbanas ou simbólicas, bem como consta com corpos não-brancos em sua gestão, ou seja, corpos negros, indígenas, afro-indígenas etc.” (Baptista; Boita; Wichers, 2020, p. 5).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar a Museologia LGBTQIA+ no âmbito da representação do conhecimento e como um domínio de conhecimento pretendemos não apenas enriquecer o debate e a bibliografia, mas também demonstrar como a Museologia pode congrega uma infinidade de possibilidades em prol dos direitos humanos e das memórias dissidentes da matriz branca cisheterossexual. A escolha também se justificou como uma forma de enfrentamento da LGBTfobia no campo museológico e museal. Isso porque, apesar da previsão legal dispor que a valorização da diversidade cultural e o respeito são princípios fundamentais dos museus, há continuamente um apagamento de memórias divergentes da heterocisnormatividade (Boita, 2020).

Para tanto, são inegáveis a importância das estratégias de articulação em rede promovidas pela Museologia LGBTQIA+, seja a partir da configuração da Rede LGBT de Memória e Museologia Social, seja nas articulações com outras redes de Museologia Social, a exemplo da Rede de Museologia Kilombola.

Neste artigo nosso intuito foi apresentar algumas ressonâncias da Museologia LGBTQIA+ como um domínio do conhecimento por meio de uma revisão integrativa que mobilizou as dezoito edições da Revista Memórias LGBTQIA+; os anais das cinco edições do Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus); e os trabalhos de conclusão de curso de graduação em Museologia. A revisão permitiu visualizar um crescimento da Museologia LGBTQIA+, a definição de compromissos éticos, poéticos e políticos e impactos significativos no campo museológico nacional.

Os resultados aqui sistematizados demonstram que não é possível mais negar a existência de Museologias no plural, com epistemologias próprias que têm “borrado as fronteiras” e “abalado as velhas trincheiras” do campo da Museologia, ao ponto de configurar um domínio específico de conhecimento, como é o caso da Museologia LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, J. T. Entre o arco e o cesto: notas Queer sobre indígenas heterocentrados nos museus e na Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 61, n. 17, p. 43-65, 2021. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7578>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BAPTISTA, J. T.; CASTRO, T.; BOITA, T. W.; BRAGA, J. L.; VARGAS ESCOBAR, G.; TEDESCO, C.; GIOVANAZ, M.; BRITTO, C.; WICHES, C. A. DE M.; SILVA, A. P. Ensino, Pesquisa e Extensão em museus e Museologia LGBTQ+: recomendações *queer* à formação museológica. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 29-52, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41427/33175>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BAPTISTA, J. T.; BOITA, T.; WICHES, C. A. M. LGBT Memory Project: A 'Queer of Colour Critique' Approach in Latin America and Caribbean Museums. **Museum International**, [S. l.], n. 72, p. 188-199, 2021.

BAPTISTA, J.; BOITA, T.; WICHES, C. O que é Museologia LGBT. **Revista Memórias LGBTQIA+**, [S. l.], v. 12, p. 10-16, 2020. Disponível em: <https://memoriaslgbt.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/05/fd645-7.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BARITÉ, M.; COLOMBO, S.; BLANCO, A. D.; SIMÓN, L.; CASTROMÁN, G. C.; ODELLA, M.; VERGARA, M. **Diccionario de organización del conocimiento: clasificación, indización, terminología**. 6 ed. Montevideo: CSIC, 2015.

BOITA, T. **Comunicação comunitária e Sociomuseologia**: mídias colaborativas produzidas para a preservação e difusão das culturas e memórias das comunidades LGBT. 2022. 161 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

BOITA, T. **Mapeamento e musealização em Revista**: memórias LGBT. 2014. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

BOITA, T. **Museologia LGBT**: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BOITA, T. Projeto Memória LGBT no MUF comemora 450 anos do Rio de Janeiro com primeiro Seminário Brasileiro sobre museus, memória e Museologia LGBT. **Revista Memória LGBT**, [s. l.], v. 8, n.1, p. 20-23, 2015. Disponível em: <https://memoriaslgbt.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/05/2a3f4-8.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BOITA, T.; BAPTISTA, J. Apresentação: sobre a decolonização do pacto LGBTQIAfóbico nos museus e na Museologia do Brasil. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 57, p. 1-3, 2023. Disponível em:

<https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/273/180>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BOITA, T.; BAPTISTA, J.; CASTRO, T.; GOUVEA, I. Apresentação do dossiê Museus e Museologia LGBT. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 16-17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/43325/33295>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220/906>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPUZANO, G. **Museo Travesti del Perú**. Lima: Institute of Development Studies, 2007.

CAMPUZANO, G. Recuperação das histórias travestis. In: CORNWALL, A. C.; JOLLY, S. (org.). **Questões de sexualidade: ensaios transculturais**. Rio de Janeiro: ABIA, 2008. p. 81-90.

CARTA de fundação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social. **Revista Memória LGBT**, [S. l.], n. 1, v. 2, p. 38, 2014. Disponível em: <https://memoriaslgbt.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/05/4db86-12.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

CARVALHO, R.; SILVA, M. D.; SOUZA, M. T. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, n. 8, v. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/wp-content/plugins/xml-to-html/include/lens/index.php?xml=2317-6385-eins-08-01-0102-W1134.xml&lang=pt-br>. Acesso em: 5 jan. 2025.

FARIA, A. C. G.; AGNES, L. M. Debates Museológicos: o Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) como evento científico do campo. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 216-241, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/38552/34981>. Acesso em: 5 jan. 2025.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FREITAS, G. A. Museologias indisciplinadas e tendências de pesquisa: repercussões da temática LGBT no Seminário Brasileiro de Museologia. In:

CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 27., 2021, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MATA, M. L.; NASCIMENTO, M. A. S. O comportamento informacional e a competência em informação: uma abordagem a partir do contexto das pessoas trans e travestis. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1657/1297>. Acesso em: 5 jan. 2025.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

PRIMO, J.; BAPTISTA, J.; BOITA, T. Editorial. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 61, n. 17, p. 1-4, 2021. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/7576>. Acesso em: 5 jan. 2025.

ROCHA, C. C.; PINTO, V. B.; DAVID, P. B. Arquitetura da informação: revisão integrativa em bases de dados de Ciência da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 49-73, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38061>. Acesso em: 5 jan. 2025.

ROCK, E.; QUEBRADA, L.; MATOGROSSO, N. **Nada será como antes**. São Paulo: Som Livre, 2021 (3min10s).

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 1., 2014, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

OUR MEMORIES, STORIES, SHAKE THEIR OLD TRENCHES: INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE ON LGBTQIA+ MUSEOLOGY IN THE BRAZILIAN MUSEOLOGICAL FIEL (2013-2024)

ABSTRACT

Objective: Carry out an integrative review of the literature on LGBTQIA+ Museology in Brazil. **Methodology:** Its methodology is a qualitative-quantitative approach through an integrative review of the literature in the editions of the *Revista Memórias LGBTQIA+*, in

the Annals of the Seminário Brasileiro de Museology and in the course conclusion works in bachelor's degrees in Museology at Brazilian public universities, in the period between 2013 and 2024. **Results:** The results of the integrative review demonstrate that, in general, there is a constant increase in the production of texts that discuss gender identities and sexual orientations in Museology. **Conclusions:** The data demonstrates the creation of a domain of knowledge that materializes in overcoming phobias towards sexual diversity, configuring a markedly intersectional LGBTQIA+ Museology.

Descriptors: Scientific field. Representation of Knowledge. LGBTQIA+. Museology. Integrative review.

NUESTRAS MEMORIAS, HISTORIAS, SACUDEN SUS VIEJAS TRINCHERAS”: REVISIÓN INTEGRATIVA DE LA LITERATURA SOBRE MUSEOLOGÍA LGBTQIA+ EN EL CAMPO MUSEOLÓGICO BRASILEÑO (2013-2024)

RESUMEN

Objetivo: Realizar una revisión integradora de la literatura sobre Museología LGBTQIA+ en Brasil. **Metodología:** Se elige metodología un enfoque cualicuantitativo a través de una revisión integradora de la literatura en las ediciones de la Revista memorias LGBTQIA+, en los Anales del Seminario Brasileño de Museología y en los trabajos de finalización de cursos en las licenciaturas en Museología de las universidades públicas brasileñas, en el período comprendido entre 2013 y 2024. **Resultados:** La revisión integradora demuestra que, en general, hay un aumento constante en la producción de textos que discuten identidades de género y Orientaciones sexuales en Museología. **Conclusiones:** Los datos resaltan la constitución de un dominio de conocimiento que se materializa en la superación de fobias respecto a la diversidad sexual, configurando una Museología LGBTQIA+ marcadamente interseccional.

Descriptores: Campo científico. Representación del Conocimiento. Museologia LGBTQIA+. Revisione Integradora.

Recebido em: **05/01/2025**

Aceito em: **08/09/2025**